AS POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BRUNA SOARES DOS SANTOS TRIGUEIRO

RESUMO

O presente estudo aborda a relevância das artes visuais na Educação Infantil. As práticas educativas em Arte passaram por diversas concepções ao longo das décadas na educação brasileira, por muito tempo foram vistas como reprodutivistas e descontextualizadas com a realidade dos alunos e da cultura de cada comunidade. No momento atual o ensino em Arte tem como desafio a ressignificação de suas práticas, especialmente na primeira infância, favorecendo um espaço de criação que alimente o repertório das crianças e contribua com seu desenvolvimento e com o aprendizado. O objetivo do presente estudo é compreender a necessidade de ressignificar as práticas educativas em Artes Visuais na Educação Infantil e para alcançá-lo também é preciso estreitar contato com as novas diretrizes propostas pela BNCC (BRASIL, 2017) e com os estudos advindos das neurociências que vem possibilitando reflexão sobre o funcionamento de cérebro e dos mecanismos de aprendizagem. O trabalho é descritivo e tem como metodologia o procedimento de revisão bibliográfica. Os resultados apresentados demonstram as mudanças na concepção de criança e de currículo para a Educação Infantil, do processo de ensino aprendizagem, da contribuição das neurociências no entendimento da primeira infância e da necessidade de rever as práticas e oportunizar experiências e interações significativas e contextualizadas com a cultura das crianças e de suas comunidades. O presente estudo busca contribuir com as pesquisas sobre artes visuais e infância, trazendo referências positivas de trabalhos que mostram o quanto é possível aprimorar esse olhar desde a primeira infância, por meio do experimentar, do vivenciar, do conhecer, especialmente nesse momento em que o processo de ensino da arte está em constante reconstrução.

Palavras Chave: Artes Visuais. Educação Infantil. Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o trabalho com as Artes Visuais no processo de ensino e aprendizagem da criança matriculada na primeira fase da educação básica, destacando as contribuições do fazer artístico nas vivências e nas práticas voltadas para a infância. As pesquisas mais recentes sobre o desenvolvimento humano e ciências cognitivas têm demonstrado a importância de rever o fazer pedagógico, repensando concepções e práticas arraigadas, buscando ressignificar o currículo de educação infantil, especialmente no que diz respeito à Arte, pois é um campo muito importante e bastante apreciado pelas crianças.

Sendo assim esse trabalho busca responder como o ensino de Artes Visuais pode contribuir com o desenvolvimento e a aprendizagem da criança matriculada na Educação Infantil?

As Artes Visuais englobam um conjunto de manifestações artísticas, dentre elas a pintura, o desenho, a modelagem, o recorte e a colagem e sua aplicação na aprendizagem infantil contribuem com a linguagem e com o aprimoramento do olhar humano. O contato com essas experiências artísticas contribui significativamente para a autonomia, criatividade e forma de se expressar das crianças atendidas nessa fase do ensino.

Observamos a urgência de romper com práticas ultrapassadas, que não favorecem a experiência da criação e expressão das emoções por parte dos pequenos e consequentemente os distanciam das atividades espontâneas em suas diferentes manifestações artísticas. Nesse sentido, é necessário compreender a necessidade de ressignificar as práticas educativas dessa área de conhecimento e investir em ações formativas que oportunizem momentos de reflexão a respeito das possibilidades de trabalho com as artes visuais na Educação Infantil.

Esse trabalho foi organizado em três seções que respondem aos objetivos elencados acima. Partindo inicialmente das propostas curriculares para o ensino de Arte na Educação

Infantil, esboçando sucintamente o percurso do ensino de artes no Brasil (IAVELBERG, 2014) até as propostas presentes na BNCC (BRASIL, 2017) e por fim apresentar propostas a partir dos estudos de Pereira (2009) e Silva et al (2010) sobre o trabalho com artes visuais na primeira infância.

PERCURSO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA

Na atualidade observa-se que o cenário educativo está em constante transformação. As novas tecnologias e o acesso às informações estão fortemente presentes no contexto escolar. São propostas que permitem uma mudança de paradigma no processo de ensinar e aprender, e permite ao professor uma educação contínua, articulada a ação permanente de reflexão sobre a prática e sua capacidade de transformação.

De acordo com Leite (2009) as artes são as responsáveis pelo diálogo com o mundo por meio de sua representação, permitindo ao sujeito desenvolver sua própria visão sobre ele, criando e recriando maneiras de enxergar o contexto social, histórico e cultural em que vive. É através do desenvolvimento de experiências artísticas que podemos enxergar o que a criança traz consigo ou seja, tudo aquilo que a cerca, sua família, sua história, suas alegrias e tristezas, pois une os fragmentos que compõem seu mundo interno.

A crítica consiste em observar que o trabalho com artes na escola, de certa forma ainda tem sido utilizado como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos, em propostas com pouca reflexão, por meio de exercícios de memorização, coordenação motora e fixação de letras e números (LEITE, 2009, p. 23).

A trajetória das artes visuais é analisada por Silva et al (2010) que aponta em seus estudos vários métodos no ensino de artes. Foi a partir de 1922 com a proposta da Semana de Arte Moderna que o ensino do desenho começa a ser contestado e é dado início à um processo de valorização da expressão infantil.

Destacamos dois momentos importantes para as mudanças no ensino e aprendizagem de artes, o primeiro ocorreu em 1988 quando a Constituição Federal acabou por provocar manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a versão que retirava a obrigatoriedade da disciplina do currículo, o outro foi em 1996, quando foram revogadas as considerações da Constituição na LDB nº. 9.394 e estabeleceu-se a obrigatoriedade da disciplina na educação básica, além de renomear como Arte, oficialmente reconhecida como área de conhecimento (SILVA et al, 2010).

Em 1998 os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL,1998) afirmam a importância do trabalho com artes no cotidiano da etapa. Nesse contexto rabiscar, desenhar no chão, na areia, nas paredes e muros, no próprio corpo e nos objetos é tipicamente infantil, e considerado um relevante instrumento de expressão e comunicação humana, o que por si só, justifica sua presença no contexto educacional.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, vol. 3, 1998, p. 85):

As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentido as sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística.

Apesar de tantos motivos importantes que fundamentam a presença das artes visuais na educação infantil, é nítido que as práticas correntes mostram um descompasso entre a produção teórica e a prática existente. Ainda é possível encontrar a prática artística apenas em atividades para preencher lacunas, como conotação decorativa, nas datas comemorativas, confeccionar convites, cartazes ou lembranças e presentes, sendo comum que os adultos façam o trabalho, uma vez que não consideram a criança apta para elaborar um produto de qualidade (BRASIL, 1998).

De acordo com Souza (2010) as definições de arte poderiam ser resumidas de três formas

conforme classificou Pareyson: "[...] a arte concebida como um fazer, como um conhecer e como um exprimir". É importante destacar que são concepções que ora se sobrepõem e se excluem e ora se unem e aliam para combinar das mais diversas maneiras (SOUZA, 2010, p.2).

Na primeira concepção: de "a Arte como um fazer", Pareyson destaca que: "[...] aspecto executivo, manual, fabril", que vem desde a Antiguidade quando ainda não se distinguiam arte propriamente dita e técnica de artesão, já a segunda concepção: "[...] arte como conhecimento, visão, contemplação", que pode ser de forma íntima e entendida como visão da realidade, mas de forma sensível na sua plena evidência, ou ainda "[...] de uma realidade metafísica superior e mais verdadeira". Na terceira concepção de arte, que vem do Romantismo, entende-se a beleza da Arte como forma distinta a um modelo, mas sim "[...] na íntima coerência das figuras artísticas com o sentimento que as anima e suscita" (PAREYSON apud SOUZA, 2010, p.2).

Souza (2010) defende que no decorrer do tempo às concepções de arte como expressão se transformaram e segundo Silva et al (2010) a mudança no processo de ensino em arte envolveu toda uma reestruturação, assim se no passado as atividades eram esporádicas e voltadas a momentos de recreação, na contemporaneidade a Arte tem o compromisso de construir conhecimentos específicos.

A Arte na educação brasileira, de acordo com Iavelberg (2014) está em construção, pois percebeu-se a necessidade de revisão, já que esbarra em equívocos e falta de clareza por parte de muitos professores, diretores e gestores sobre como se planeja e se aplica de maneira sistematizada o currículo na área de arte.

Historicamente foi a partir da década de 1980 que a discussão a respeito da inserção da obrigatoriedade da Arte nos currículos se intensificaram e em 1996 a LDB, Lei nº. 9.394, revogou as considerações da Constituição de 1988 e estabeleceu a obrigatoriedade da disciplina na educação básica: "[...] O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (BRASIL, LDB, 1996, Art. 26).

Em 2016 foi publicada a Lei 13.278 que incluiu as artes visuais, a dança, a música e o teatro na Educação Básica. A lei prevê o ensino de arte como forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos e demonstra sua relevância nos currículos escolares (BRASIL, 2016).

Em 2017 foi publicado o documento Base Nacional Comum Curricular - BNCC- com intuito de nortear os sistemas de Ensino brasileiros e as propostas pedagógicas de todas as instituições educativas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio em acordo com a definição prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº. 9.394/1996). O documento estabelece conhecimentos, habilidades e competências esperadas dos estudantes em todas as modalidades (BRASIL, BNCC, 2017).

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A Arte na educação Infantil durante muito tempo esteve associada a práticas que não valorizam a identidade e a especificidade das crianças, com propostas de atividades impressas que não oportunizavam o desenvolvimento da criatividade dos pequenos, sem grande preocupação com a escuta, as vivências e possíveis contribuições trazidas pelo grupo nas diferentes experiências, durante todo o processo de aprendizagem. De acordo com Vygotsky (2001) a associação entre arte e moral esteve presente nos recursos didáticos oferecidos às crianças pequenas e era entendida como forma de moldar os impulsos para o comportamento (Vygotsky, 2001 apud WEDEKIN e ZANELLA, 2016, p.169).

Vygotsky analisou o papel da arte na sociedade em construção, especialmente entre a corrente pedagógica tradicional e a cognitivista e elaborou a ideia de "inserção da educação estética à própria vida", pois a arte deveria ser ensinada a partir de cada elemento do entorno dos educandos, para Vygotsky:

"[...] A Arte transfigura a realidade não só nas construções da fantasia, mas também na elaboração real dos objetos e situações. A casa e o vestuário, a conversa e a leitura,

e a maneira de andar, tudo isso pode servir igualmente como o mais nobre material de elaboração estética" (WEDEKIN e ZANELLA, 2016, p.169).

Segundo Souza (2010) as experiências estéticas estão em todas as áreas da vida e em sua maior parte são realizadas no dia a dia através de imagens diárias, em livros, em jornais, na televisão, na internet, nas ruas, dentre outras. A proposta de Souza (2010, p.10) consiste em partir do dia a dia como "[...] requisito para toda a espécie de experiência estética", pois, é especialmente nele que encontramos situações, ações e objetivos a partir dos quais é possível estabelecer relações com outras pessoas.

Partir do contexto da criança é a abordagem que melhor ressalta a estética socioantropológica onde se parte de uma investigação sobre o mundo: "[...] perceber e explorar experimentalmente algumas práticas cotidianas- aquilo que as crianças fazem todos os dias" e é exatamente de onde se deveria partir, pois assim as propostas seriam atividades que não transmitissem apenas conhecimentos isolados, com métodos e repertório desvinculado da prática, mas sim atentos ao meio social e cultural dos pequenos, possibilitando assim experiências significativas e contextualizadas (SOUZA, 2010, p. 10).

Castilho e Fernandes (2013) apontam que a prática pedagógica do professor de arte tem sido objeto de estudo por parte dos técnicos e destacam a estética como proposta metodológica específica do ensino das aulas de Artes em consonância com as teorias pedagógicas libertária, libertadora e histórica-crítica.

As autoras apontam que o ensino de Artes tem na educação estética seus fundamentos e princípios, mas que "[...] na prática pedagógica do professor existe um distanciamento desses fundamentos". Isto ocorre pela ausência de uma discussão mais aprofundada dos próprios fundamentos do ensino de arte (CASTILHO e FERNANDES, 2013, p.12).

De maneira geral a educação estética pressupõe a formação integral do aluno, em seus aspectos sensíveis e cognitivos, contemplando a arte como forma de propiciar um processo de ensino e aprendizagem significativos, tendo a arte como base para a educação integral do homem (CASTILHO e FERNANDES, 2013).

No entendimento das autoras a metodologia educativa na área artística inclui "[...] escolhas profissionais do professor quanto aos assuntos em arte, contextualizados e a serem trabalhados com os alunos nos cursos". Também se refere a trajetórias pedagógicas (com procedimentos técnicos e proposição de atividades)" (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 98).

A Arte é uma área de ensino apaixonante, que transforma, que agrega e eleva, que alimenta a criatividade e a imaginação das crianças, sua importância é destacada por profissionais de diversas áreas que defendem sua aplicação desde os primeiros anos da criança. Segundo Girardello, é preciso alimentar a imaginação infantil conforme defende:

"[...] A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis"(GIRARDELLO, 2011, . 76(.

Como explica Girardello (2011), a criança anseia pela emoção imaginativa e os educadores podem proporcioná-la por meio de um ensino de arte contextualizado com as transformações e inovações presentes no mundo atual. Na concepção do autor a importância da imaginação para a educação das crianças vai muito além da indicação de estratégias e recursos, pois "[...] por não se tratar de um dom ou de um dado objetivo e quantificável da subjetividade da criança, estando ligada à inteligência e às emoções" (GIRARDELLO, 2011, p.76).

Conforme Girardello (2011, p.76) "[...] a imaginação pode e deve ser educada", sendo assim a Arte é uma disciplina que contribui positivamente na aprendizagem das crianças, especialmente na Educação Infantil, momento em que estão construindo diversas conexões sobre o mundo que as cerca.

Pereira (2009) em seu livro sobre as possibilidades das Artes Visuais na educação infan-

til, destaca:

"[...] O que foi concebido na imaginação adquire nova forma no fazer, pois são dois momentos diferentes da criação. Quando imagina, o sujeito utiliza sua capacidade de construir imagens mentais; quando produz a imagem, utiliza uma linguagem como suporte para inventar determinada forma. O processo de construir uma forma — em papel, tela, madeira, argila — requer o desenvolvimento de conhecimentos específicos sobre como fazer" (PEREIRA, 2009, p. 17).

Nesse sentido, Pereira (2009) ressalta que os dois aspectos — imaginar e criar a forma — estão interligados, como partes de um processo. Assim, o pensar e o imaginar são distintos. O pensar envolve o processo imaginativo e "[...] quanto mais elevada é a escala de invenção ou originalidade que esse pensamento provoca, mais prontamente parece recorrer às imagens" (READ, 1982 apud PEREIRA, 2009, p. 18).

Nas últimas décadas a Educação Infantil passou por muitas transformações, segundo Oliveira (2010) com a expansão de ma¬trículas nas unidades escolares crianças de idades cada vez menores ingressam nas instituições e promovem a reflexão sobre a fun¬ção social e política desse nível de ensino, bem como a concepção de criança e seu processo de aprendizado e desenvolvimento.

A partir dessa nova reorganização com pro¬postas didáticas e pontos de vista renovados sobre o cotidiano das instituições os professores e funcionários que trabalham nas escolas são convidados a repensar seu trabalho junto às crianças e suas famílias, conforme a autora é preciso compreender que a criança é o centro do planejamento e se desenvolve a partir de interações e das práticas cotidianas vivenciadas tanto em seu contexto social e familiar quanta as vivenciadas na escola (OLIVEIRA, 2010, p.5).

A BNCC traz o conceito de "competências", que se define como:

"[...] Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício de cidadania e do mundo do trabalho" (BRASIL, BNCC, 2017, p.8).

As mudanças almejadas demonstram a preocupação com um processo educativo que além de conteúdos contribua com a transformação da sociedade, que no Brasil se apresenta de forma desigual, injusta e com sérios problemas em todas as regiões, nas esferas políticas, sociais e ambientais. O documento está estritamente relacionado com a formação e desenvolvimento integral dos alunos, o que implica: "compreender a complexidade e a não linearidade desse processo, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão cognitiva ou a dimensão sociais" (BRASIL, BNCC, 2017, p. 14).

Conforme a BNCC a Educação Infantil foi dividida em cinco campos de experiência, com eixos de aprendizagens e do desenvolvimento que partem das interações, brincadeiras, buscando assegurar o direito de "[...] conviver, explorar, expressar e conhecer" (BRASIL, BNCC, 2017, p. 40).

As pesquisas sobre a concepção de criança e de aprendizagem na atualidade tem buscado em diferentes campos de saber ampliar a compreensão sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem, sendo positiva a contribuição dos estudos advindos das neurociências que ajudaram a repensar os fazeres para a Educação Infantil.

Campos (2011) explica que as concepções presentes são orientadas sob o ponto de vista epistemológico, as políticas e programas para a Educação infantil estão baseados em concepções de "atenção integral", ancoradas em referenciais da neurociência e da psicologia cognitiva. A ideia difundida atualmente é que a Educação Infantil é um "[...] momento único e determinante no desenvolvimento infantil, enfatizando que os primeiros anos são essenciais" (CAMPOS, 2011, p. 222).

As discussões em prol das mudanças na Educação Infantil se transformaram em ações e políticas para a primeira infância. No campo das neurociências os estudos se estendem para a neurobiologia, campo de investigação da estrutura cerebral: "volume e maturação cerebral e sinaptogenese" que ocorrem nos primeiros anos de vida e são importantes

para a compreensão sobre o desenvolvimento das habilidades envolvidas no processo de aprendizagem (CAMPOS, 2011, p. 222).

A contribuição das neurociências consiste na compreensão da relação entre o cérebro humano, os circuitos neurais e os mecanismos biológicos responsáveis pela aprendizagem, pela linguagem e pelo comportamento (BARTOSZECK e BARTOSZECK, 2012, p.59).

Há os "períodos críticos" como estágios de desenvolvimento para funções específicas do cérebro, que podem ser explicados como janelas de oportunidade nos primeiros anos de vida, momento em que o cérebro da criança está particularmente suscetível às "[...] entradas de estimulação sensorial, para o amadurecimento dos sistemas neurais mais desenvolvidos". (BARTOSZECK e BARTOSZECK, 2012, p. 65).

Na primeira infância (de 1 a 3 anos), segundo os autores, as cores, os movimentos, os sons e afetividade são estímulos sensoriais básicos que devem estar presentes em atividades de estimulação visual na Educação Infantil (BARTOSZECK e BARTOSZECK, 2012, p.65).

Segundo Guerra (2011) as teorias psicológicas que são baseadas nos mecanismos cerebrais envolvidos na aprendizagem podem inspirar novas estratégias educacionais, que colaborem com o trabalho do educador de conhecer mais sobre o funcionamento cerebral, sobre as dificuldades e as possibilidades de intervenções, conforme citação a seguir:

"[...] O conhecimento e a organização das funções do cérebro, os períodos receptivos, os mecanismos da linguagem, atenção e da memória, as relações entre cognição, emoção, motivação e desempenho, as potencialidades e as limitações do sistema nervoso, as dificuldades de aprendizagem e as intervenções a elas relacionadas" (GUERRA, 2011, p.3).

O entendimento sobre o cérebro humano apresenta um novo panorama para a compreensão da aprendizagem e dos mecanismos da memória, podendo contribuir com os educadores para ressignificar as práticas na Educação Infantil e transformar o processo de ensinar e aprender mais significativo, possibilitando assim novas bases para oferecer um entendimento sobre o funcionamento cerebral nessa idade. A seguir o percurso da Arte e as propostas da BNCC para a Arte na Educação Infantil.

As mudanças almejadas demonstram a preocupação com um processo educativo que além de conteúdos contribua com a transformação da sociedade. O documento pretende ser algo mais do que a quantidade de tempo, mas sim ligado à formação e desenvolvimento integral dos alunos em sua complexidade e não somente de forma linear, rompendo assim com visões reducionistas que privilegiam apenas um aspecto em detrimento de outro (BRASIL, BNCC, 2017).

Na BNCC a Arte para a Educação Infantil perpassa todos os campos: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempo, quantidade, relações e transformações.

A BNCC traz ainda a necessidade da Arte na construção de criticidade frente à complexidade do mundo e o respeito e a valorização das diferentes formas de povos e grupos de manifestar sua cultura, o que contribui na formação da cidadania dos alunos, possibilitando assim "[...] o respeito às diferenças e o diálogo pluriético, intercultural e plurilíngue", o que tem como objetivos reconhecer semelhanças e diferenças entre culturas (BRASIL, BNCC, 2017, p.193).

As manifestações artísticas, segundo a BNCC, não são limitadas as produções veiculadas pelas mídias e nem reduzida à mera aquisição de códigos e tecnicidade, mas sim estão estreitamente veiculadas as questões sociais e históricas, oportunizando aos alunos o exercício de criação e protagonismo.

Segundo Franco (2016) é preciso compreender que a "prática pedagógica" não deve ser apenas considerada como roteiro didático de apresentação, mas sim é preciso considerar alguns questionamentos, pois "há práticas docentes construídas pedagogicamente e há práticas docentes construídas sem a perspectiva pedagógica, por meio de um agir mecânico que desconsidera a construção do indivíduo". A autora afirma que uma aula ou encontro educativo é efetivamente

considerado como tal quando "[...] se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades" (FRANCO, 2016, p. 2).

ARTES VISUAIS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil o trabalho com artes está presente em diversos momentos: "[...] rabiscar, desenhar no chão, na areia, nas paredes e muros, no próprio corpo, nos objetos", essas ações demonstram que o trabalho com a arte nessa fase é uma experiência imprescindível, pela qual a criança pode se expressar com liberdade e autonomia manifestando suas emoções e a maneira de se comunicar, o que por si só, justifica sua presença no contexto educacional, particularmente na educação infantil, conforme citação a seguir:

"[...] As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentido as sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística" (BRASIL, vol. 3, 1998, p. 85).

As crianças elaboram suas construções a partir de suas vivências e o estreitamento que desenvolvem com o mundo e com suas experiências pessoais e nesse sentido o ensino das artes visuais deve ser concebido com uma linguagem que tem estrutura e características próprias, na qual a aprendizagem se dá por meio da articulação dos aspectos: "Fazer artístico, apreciação e reflexão" (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 89).

O desenvolver da capacidade de criar, imaginar, sensibilizar e se expressar ocorrem tanto na atividade de fazer quanto no contato com a produção de arte presente em todos os lugares e deve ser apoiado na prática reflexiva das crianças, que permite articular os saberes (BRASIL, 1998).

O uso de imagens visuais no ensino da Arte, tem sido utilizado em "quantidades inigualáveis" no decorrer histórico, o que demonstra o comprometimento em levar o aluno a: "[...] saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades", por essa razão essa estratégia pode ser inserida nas práticas educacionais, pois a partir dela é possível "favorecer compreensões amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente" (BRASIL, PCN ARTE, 1997, p. 45).

A educação em artes visuais requer um "[...] trabalho continuamente informado sobre conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e as formas visuais". Para que isso aconteça efetivamente é preciso que a instituição escolar oportunize experiências nas quais os pequenos possam "[...] aprender e criar, articulando percepção, imaginação conhecimento e produção artística pessoal e grupal" (BRASIL, PCN ARTE, 1997, p. 45).

SILVA et al, (2010, p. 97) trazem a concepção de Artes Visuais a seguir:

"[...] Um conjunto de manifestações artísticas, que compreendem todo o campo de linguagem e pensamento sobre o olhar humano. As Artes que normalmente lidam com a visão como seu meio principal de apreciação costuma ser chamadas de Artes Visuais. Porém, as Artes Visuais não devem ser restringidas apenas ao visual, pois, através dessas manifestações artísticas (desenho, pintura, modelagem, recorte, colagem) há vários significados que o artista deseja passar".

Nessa perspectiva é possível apontar cinco características do trabalho com as linguagens artísticas: desenho, pintura, arte tridimensional, mídia e recorte e colagem. A pintura no contexto das artes visuais é amplamente apreciada. As cores são importantes descobertas na vida das crianças, assim "a pintura pode ser definida com a arte da cor". Se no desenho o que mais se utiliza é o traço, na pintura o mais importante é a mancha da cor (COLL e TEBEROSKY, 2004, p. 30 apud SILVA et al, 2010, p.99).

Segundo os estudos de Silva et al., (2010) ob-

servou-se que as crianças menores demonstram prazer em segurar pincéis, em manipular tintas com as mãos, assim é importante a criança conhecer e manipular os diversos materiais disponíveis como tinta, cola, álcool, texturas (SILVA et al, 2010).

O exercício de pintar deve ser usado na Educação Infantil como fator de desenvolvimento "[...] motor, afetivo e social da criança", priorizando que essa relação entre a criança e os diversos materiais aconteça de forma lúdica. É importante destacar que as crianças não devem somente olhar para o objeto, mas sim participar de experiências repetidas de ações de comparar, transformar, nomear, relatar suas experiências com o mundo das cores, que vai além das três cores básicas (azul, vermelho, amarelo), mas que ao se juntarem formam todas as outras (SILVA et al, 2010, p.100).

Já a arte tridimensional, mais conhecida como modelagem, é importante por levar a criança a explorar objetos com o tato e por ser uma atividade sensorial pode-se trabalhar com massas de biscuit, argila, jornal, terra, gesso e até mesmo massas comestíveis. Sua importância na Educação Infantil é apontada por Silva et al (2010, p.100):

"[...] Através da modelagem, a criança tem a possibilidade de melhorar sua motricidade e ampliar sua capacidade de criatividade, pois a modelagem pode ser usada em vários aspectos da aula ou em qualquer outro ambiente em que a criança esteja. As diferentes formas de expressão permitem ainda à criança comunicar com os pares e os adultos as experiências vividas e os conhecimentos adquiridos. Elas têm o privilégio de aprender através das suas comunicações e experiências concretas".

As autoras defendem o oferecimento de modelagem para a criança pequena, pois acreditam em suas contribuições positivas para o aprendizado já que possibilita a criança se expressar livremente, além de ampliar a coordenação motora.

As Artes Visuais na atualidade ganham mais recursos com a tecnologia, pois é possível acessar um amplo acervo de imagens, obras, experiências e acesso rápido à informação o que vem permitindo um universo de possibilidades. O computador, a televisão, os jornais, as revistas e os catálogos são grandes divulgadores da arte (SILVA et al, 2010).

O recorte e a colagem foram usados a longo tempo para decorar praças, quadros e nesse processo podem ser usados papéis, pedras, ladrilhos, dentre outros. São indicados desde os primeiros anos escolares para o aperfeiçoamento de conteúdos de coordenação motora, criatividade e sensibilidade, além de noções de espaços e superfície (SILVA et al, 2010).

Segundo as autoras a importância das artes visuais consiste na capacidade de levar as crianças ao prazer do descobrimento, a perceber diferentes sensações, e assim criar aprendendo, encantando-se, inventando e reinventando, para aos poucos compreender o mundo que a cerca.

Diaz (2013) descreve a metodologia em relação às artes visuais e ressalta que sendo uma área específica de conhecimento o professor deveria ser especialista, contudo, o docente generalista também deve se inteirar de seu universo, bem como incluir e estabelecer relações entre seu conteúdo e as demais disciplinas.

Diaz (2013) também destaca que as artes visuais possuem um campo repleto de elementos constituídos, com vocabulário próprio e específico, sendo um universo árduo, mas encantador. A autora aponta o trabalho com leitura de imagens, pois "[...] extrair das imagens os seus significados potencializa as habilidades de ver, julgar e interpretar" (DIAZ, 2013, p. 228).

Assim, de acordo com Diaz (2013) o papel do professor no ensino das artes visuais é levar o aluno a ver, perceber, sentir e apreciar com base nos domínios dos conhecimentos e códigos específicos da arte, assim é necessário reeducar os sentidos na perspectiva de contemplar e produzir artisticamente, incitando os alunos.

Pereira (2009) destaca a importância do desenho para a criança pequena, defende que ao desenhar, a criança parte de imagens mentais e as transforma na linguagem artística do desenho. Dessa forma, o desenho não é somente imagem mental ou somente a ação sobre o papel, mas a relação existente entre as duas instâncias: "[...] O desenho é

um exercício mental simbólico", pois a criança pensa e tem de transformar o pensamento em determinada forma gráfica.
Para desenhar, configurando um pensamento a criança necessita de habilidades específicas. Como o desenho é uma linguagem e exige determinado vocabulário, o "[...] ato de desenhar é produção de conhecimento sobre a linguagem, utilizando certo vocabulário (linha, ponto)" (PEREIRA, 2009, p.19). Portanto, quanto mais experimentam e testam hipóteses, melhor se comunicam por meio da linguagem do desenho.
"[...] As linguagens artísticas requerem conhecimentos específicos. Por isso, ao desenharem, pintarem, realizarem fotografias, as pessoas mobilizam conhecimentos específicos e procuram aproximar ideias e formas. Para criar, o sujeito busca referências. Utiliza um vocabulário construído nas redações sociais. Significa que utilizando elementos da cultura, o criador particulariza a realidade do grupo. Numa intenção comunicativa, a imagem representa duplo aspecto; um gesto voltado para si — prazer pessoal — e para o grupo, na interação com o meio" (PEREIRA, 1999 apud PEREIRA, 2009, p. 19).

A importância de um ensino contextualizado se evidencia na constatação de que cada sujeito recebe influências da cultura e do tempo em que vive, portanto a "[...] construção da imagem acontece na experiência deflagrada pela produção", dessa forma os sujeitos aprendem a produzir imagens durante a criação. Sendo na utilização de elementos gráficos que a pessoa aprende como desenhar, dessa forma as linguagens demandam conhecimento e como tal requerem informação, pesquisa que comporá um repertório. Assim, quanto mais conhece e utiliza determinada linguagem, melhor o sujeito criara e se comunicará por meio dela, conforme Pereira (2009) destaca a seguir:
"[...] É a cultura, criação coletiva, que dá sentido às imagens que o sujeito vê ou cria. A percepção é envolta em aspectos emocionais e intelectuais, ou seja, além de perceber e interpretar conteúdos, também vivenciamos nossas interpretações" (OSTROWER, 1998, p. 72 apud PEREIRA, 2009, p. 19).

Assim, pode-se afirmar que a experiência de vida do sujeito interfere em seu processo de criação, porque altera seu repertório e percepção sobre o mundo, ou seja, quanto mais acesso os estudantes tiverem à cultura maior será seu repertório artístico, pois terá cada vez mais elementos para criar seus trabalhos e aumentar a criticidade no processo de criação.
O papel do professor no ensino das artes visuais é levar o aluno a ver, perceber, sentir e apreciar com base nos domínios dos conhecimentos e códigos específicos da arte, assim inferências significativas na perspectiva de contemplar e produzir artisticamente, incitando os alunos ao ato da criação (DIAZ, 2013).
Ferreira (2015) defende que o desenho deve ser explorado em todas as etapas da escolarização por sua inegável contribuição no desenvolvimento infantil e alerta para o fato de que a redução dos momentos de desenhar, que geralmente acontecem com o ingresso no Ensino Fundamental, ocasiona algumas vezes uma crise "[...] em ambos os sistemas gráficos, causando até mesmo desencanto pelo desenho e redução da criatividade individual – acentuando a cópia de modelos e de padrões" (FERREIRA, 2015, p. 13).
Girardello (2011) defende que a imaginação pode e deve ser estimulada, pois a experiência que ela proporciona é mais importante e válida do que qualquer outra que se possa adquirir por meio do pensamento racional. Diante disso, esse estudo defende a educação da imaginação, o oferecimento de repertório em Artes Visuais para as crianças matriculadas na Educação Infantil, a aplicação organizada das Artes no currículo para essa modalidade, por se tratar de instrumento significativo para o aprendizado da criança pequena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte assim como a Educação Infantil passou por inúmeras transformações nas últimas décadas, com o entendimento sobre o cérebro humano apresentou-se um novo panorama para a compreensão da aprendizagem. Diante da análise dos estudos aqui apresentados é possível compreender a importância das Artes Visuais no contexto edu-

cativo desde o ingresso na educação básica. Na atualidade há grandes desafios a serem alcançados em relação a construção do conhecimento e organização de um currículo que dê voz a todos os atores da comunidade escolar, valorizando e construindo o repertório cultural de sua comunidade e oportunizando momentos nos quais os alunos possam ter suas vivências valorizadas, bem como apreciar outras manifestações culturais, conforme indica a BNCC. É necessário que as Instituições educativas procurem tratar dessa questão por meio de momentos formativos sistematizados, de forma contínua, para romper com a visão de escola que se limita a função de ensinar-reproduzir, desconsiderando a realidade e as reais necessidades da comunidade e sua cultura.

Por fim, essa pesquisa buscou apresentar a contribuição das Artes Visuais na Educação Infantil, de modo a qualificar a ação de professores oportunizando experiências significativas com as crianças, além de subsidiar as futuras reflexões de pesquisadores e demais interessados na área.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Silveira Carmem. Práticas Cotidianas na Educação Infantil: Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em 22 de set. de 2020.

BRASIL. BNCC- Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 20 de set. de 2020.

_____. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Estabelece leis e diretrizes para a Educação Nacional. 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&task=view&id=120. Acesso 21 de set. de 2020.

_____. Lei inclui artes visuais, dança, teatro e música no currículo da educação básica. Agência Senado, 2016. Senado Federal. Disponível em: http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica. Acesso em 22 de set. de 2020.

BARTOSZECK, A. B.; BARTOSZECK, F. K. Neurociência dos seis primeiros anos: implicações educacionais. Revista Educação, Temas e Problemas, n.9, p.59-71. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Flavio_Bartoszeck/publication/267236019_NEUROCIENCIA_DOS_SEIS_PRIMEIROS_ANOSimplicacoes_educacionais/links/57fe725e08ae6b2da3c892b3/NEUROCIENCIA-DOS-SEISPRIMEIROSANOSimplicacoes-educacionais.pdf. Acesso em 12 de set. de 2020.

CAMPOS, R. F. Educação Infantil. Políticas e Identidades. Revista Retratos da escola. Brasília, v.5, n. 9, p.217-228, jul-dez, 2011. Disponível em: http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/7/171. Acesso em 26 de set. de 2020.

CASTILHO, A. L. S.; FERNANDES, V. L. P. A questão estética no ensino de artes no ensino fundamental. 2013. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/QUEST%C3O%20EST%C9TICA%20NO%20ENSINO%20DE%20ARTES%20NO%20ENSINO.pdf. Acesso em 20 de set. de 2020.

DIAZ, M. Metodologia do ensino em artes visuais. In. Metodologia do Ensino em Arte. Gisele Onuki, Marilia Diaz, Bernadete Zagonel (org.). Curitiba: Intersaberes, 2013. P. 216-288.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. ; FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

FERREIRA, L.D. A importância do desenho na

alfabetização das crianças. V Encontro Científico e Simpósio de Educação Unisalesiano. Unisalesiano, Lins-SP, 2015. INTERNET. Disponível em: http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2015/publicado/artigo0100.pdf. Acesso em: 17 de set. de 2020.

FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Revista Brasileira Estudos em Pedagogia, vol. 197, n. 247, Brasília: set-dez de 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812016000300534 Acesso em: 20 de set. de 2020.

GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. Revista Interlocução, p.1-10, 2011. Disponível em: https://www2.icb.ufmg.br/neuroeduca/arquivo/texto_teste.pdf. Acesso em: 19 de set. de 2020.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte na infância. Pro-posições, Campinas, v.22, n° 2(65), p. 75-92, mai/ago de 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07. Acesso em: 25 de set. de 2020.

IAVELBERG, R. O ensino de arte nas escolas no século XXI. Revista Ponto.com, 2014. Disponível em: http://www.revistapontocom.org.br/edicoesanterioresentrevistas/o-ensino-da-artenas--escolas-do-seculo-xxi. Acesso em: 19 de set. de 2020.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? Dezembro de 2010. http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro2010pdf/715321curriculoeducacaoinfantil-zilma-moraes/file. Acesso em: 15 de set. de 2020.

PEREIRA, Kátia Helena. Como usar as artes visuais na sala de aula. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, E. A. da; OLIVEIRA, F. R.; SCARABELLI, L.; COSTA, M. L. de O.; OLIVEIRA, S. B. Fazendo artes para aprender: a importância das artes visuais no ato educativo. Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010. INTERNET. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/4850/5029. Acesso em: 26 de set. de 2020.

SOUZA, J. Arte no ensino fundamental. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento. Perspectivas atuais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-7171-3-7-artes-jussamara&category_slug=-dezembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 de set. de 2020.

WEDEKIN, L. M.; ZANELLA, A. V. L. S. Vigotski e o ensino da arte. "A educação estética" (1926) e as escolas de arte na Rússia 1917-1930. Pro-posições, vol. 27, nº 2, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pp/v27n2/1980-6248-pp-27-02-00155.pdf. Acesso em: 17 de set. de 2020.